

PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO LIVRO DIDÁTICO DE INGLÊS NA VISÃO DOS PROFESSORES DE CURSOS DE IDIOMAS

Renato Caixeta da Silva *
Isabela Soares de Almeida Dias **

Resumo: Este artigo busca entender de que forma professores de curso livre de idiomas se relacionam com os livros didáticos de inglês. Pretendeu-se explorar, interpretando dizeres de professores, as características que fazem com que um livro seja considerado bom ou ruim, as diferenças que os docentes percebem entre material e livro didático, e como os participantes lidam com a imposição do livro didático a ser usado. A coleta de dados foi feita por meio de questionários estruturados abertos, aplicados via e-mail, e respondidos por professores que trabalham ou já trabalharam em cursos livres, por cinco anos ou mais, em Belo Horizonte. Os dados mostram que, em geral, os docentes reconhecem ser o livro didático um tipo de material que organiza o trabalho, mas que precisa ser complementado. Também reconhecem mais pontos positivos que negativos, e que a imposição não é um problema, pois parece ser amenizada pela liberdade de adaptações e de uso de outros materiais. Assim, percebe-se que o livro didático é material importante e essencial neste contexto, exercendo a função de fonte, facilitador e guia para o ensino.

Palavras-chave: Curso livre. Livro didático. Professores de inglês.

POSITIVE AND NEGATIVE POINTS OF THE ENGLISH COURSEBOOK IN THE VIEW OF LANGUAGE COURSE TEACHERS

Abstract: This article aims at understanding how English language teachers at language private courses relate to English coursebooks. It was intended to explore, by interpreting teachers' sayings, the characteristics that make a book be considered good or bad, the teachers' perceptions on the differences between teaching material and coursebook, and how participants deal with the imposition of a coursebook. Datae were collected through structured open-answer questionnaires, applied via e-mail, and answered by teachers who work or have worked in private courses for five years or more, in Belo Horizonte. The datae show that, in general, teachers recognize coursebooks are a type of material that organizes the work but which needs to be complemented. They also recognize more positive than negative points, and that imposition is not a problem because it seems to be softened by the freedom for adaptations and use of other materials. Thus, it is clear that the coursebook is important and essential material in this context, acting as a source, facilitator and guide for teaching.

Keywords: Private course. Coursebooks. English teachers.

Introdução

Os cursos de idiomas são comumente considerados cursos livres por não serem instituições promotoras de um ensino de línguas sujeitas à legislação sobre educação formal no país; não havendo, portanto, necessidade de autorização de qualquer órgão governamental para funcionarem. Esse é um assunto problemático que deve ser debatido, já que a inexistência de legislação gera inúmeras dúvidas quanto à nomenclatura a ser utilizada. Porém, para o contexto deste trabalho, será

utilizado o termo “curso livre de idioma”, entendendo referir-se a escolas especializadas em ensinar línguas estrangeiras, com carga horária específica, nivelamento definido pelos próprios proponentes dos cursos e das próprias escolas, para ofertar ensino não obrigatório em caráter particular. Cursos livres de idiomas são procurados por parte da população como lugar para se aprender alguma língua estrangeira, muitas vezes com a justificativa de que no ensino regular a língua estrangeira não é ensinada ou é ensinada de maneira não satisfatória (BARCELOS, 2006). Apesar de serem popularmente conhecidos, frequentados por parte da população, e de exercerem papel importante no ensino de línguas no Brasil ao longo dos anos, esses contextos de ensino não são muito pesquisados.

Tendo em vista a realidade de cursos livres de idiomas e de professores autônomos, entende-se que o livro didático é um material de ensino muito frequente e importante nas salas de aula nestes contextos como em outros. Apesar disso, definições e teorizações sobre o que é de fato o livro didático, o que o constitui e suas características, não são unanimidade na academia ou entre aqueles que o utilizam na prática diária. As pessoas entendem o que é livro didático em diferentes perspectivas e por isso, sua utilização é também diversa. Silva (2012) pesquisou as representações construídas acerca de livros didáticos de inglês pelos seus produtores e seus usuários e, via análise discursiva, o autor mostra que esse material de ensino é representado como fonte de textos, atividades e conteúdo; agente do processo de ensinar; guia do ensinar e do aprender; facilitador do ensino e da aprendizagem; atração como portador de novidades e coisas belas; curso materializado na forma de livro; suporte para as ações do professor; mercadoria a ser comercializada com valor monetário. Essas representações, segundo o autor, mostram as diferentes funções que o livro didático de inglês adquire na sociedade e também que ele direciona, de uma maneira ou de outra, as ações dos agentes sociais envolvidos na sua produção, na comercialização e no seu uso.

O uso constante e intenso dos livros didáticos de inglês em cursos livres de idiomas faz com que o protagonismo desse material seja digno de investigação. Existem situações de uso de livros produzidos por editoras renomadas que vendem expressivos números de volumes, assim como há, também, cursos que fabricam o próprio material. Fato é que, nos cursos de inglês que há no Brasil, todos usam

algum tipo de livro didático, seja de fabricação própria, seja produzido por editoras comerciais. Compreender um pouco mais sobre as relações que governam a prática de uso desse material nesse contexto, mostra-se, então, significativo.

Entendendo que professores diferentes possuem opiniões e vivências diferentes, a pesquisa aqui relatada teve como principal objetivo entender o que, no livro didático de inglês, agrada e desagrade aos professores de língua inglesa desses cursos livres. Além disso, buscou-se compreender como se sentem com a imposição de um determinado livro a ser usado, determinação geralmente vinda da coordenação dos cursos, e que deve ser seguida pelos docentes.

Espera-se que os múltiplos entendimentos acerca do livro didático de inglês neste contexto e dos métodos e abordagens dentro de sala de aula possam apresentar reflexões quanto ao papel desse importante material pedagógico.

Para que tal pesquisa fosse realizada, a coleta de dados foi feita por intermédio de questionários estruturados, aplicados via e-mail, e respondidos por oito professores de inglês (100% de retorno), que trabalham ou já trabalharam em cursos livres e como professores particulares. São professores com certa experiência no ensino de inglês neste contexto. A escolha pela forma de coleta de dados e por questões abertas deve-se ao nosso intento de promover e garantir liberdade de expressão aos participantes, bem como a necessidade de respostas espontâneas frente ao que investigamos.

Este artigo se organiza, então, da seguinte maneira. Após essa introdução, apresentamos considerações acerca do livro didático de inglês, pesquisas a seu respeito, e as diferentes ideias sobre seu uso. A seguir, detalhamos a metodologia utilizada, evidenciando informações sobre os participantes da pesquisa, o instrumento e os procedimentos da coleta de informações. Em seguida, mostramos o que as respostas aos questionários revelaram em consonância com nosso objetivo principal, relacionado, como dito, àquilo que agrada e ao que desagrade ao professor no livro didático determinado para uso. Por fim, tecemos nossas considerações finais sobre o assunto e a pesquisa.

1 O livro didático

Em seu texto “História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte”,

Alain Choppin (2004) apresenta um panorama histórico do desenvolvimento das pesquisas no mundo sobre o livro escolar. O autor aponta várias distinções quanto ao uso do léxico e afirma que o objeto nomeado “livro didático” assume diferentes denominações ao redor do mundo, em línguas diferentes, e que as mesmas palavras podem se referir a objetos diferentes: livro escolar, manual escolar, manual didático, livro didático, livro-texto.

Partindo dessa posição, conceituar livro didático constitui-se algo bastante desafiador. Em outro texto, Choppin (2009) complementou suas afirmações anteriores, concluindo que o contexto no qual as palavras aparecem é importante, e apresenta quais palavras são as mais utilizadas:

Hoje, ainda, os termos aos quais recorrem as diversas línguas para designar o conceito de livro escolar são múltiplos, e sua acepção não é nem precisa, nem estável (...) Percorrendo a abundância bibliográfica científica consagrada no mundo do livro e da edição escolar, constata-se que são utilizadas conjuntamente hoje várias expressões que, na maioria das vezes, é difícil, até impossível, de determinar o que as diferenciam. Tudo parece ser uma questão de contexto, de uso, até de estilo. (...) os lusófonos optam por livros didáticos, manuais escolares ou textos didáticos. (CHOPPIN, 2009, p. 20).

Apesar dessa multiplicidade de nomenclaturas e características, existem definições voltadas para situações específicas de ensino e de aprendizagem que parecem satisfazer as expectativas de alguns interessados no tema. Tomlinson (2006, p. ix), em seu glossário de termos básicos sobre o desenvolvimento de materiais para o ensino de línguas¹, apresenta a seguinte definição para *coursebook* (livro didático):

Um livro texto que provê os materiais centrais para um curso. Pretende prover o máximo possível num só livro e é projetado para ser o único livro que os aprendizes usam durante o curso. Livros desse tipo costumam incluir atividades de gramática, vocabulário, pronúncia, funções e as habilidades de leitura, escrita, escuta e fala. (TOMLINSON, 2006, p. ix).

Considerando a definição de livro didático de Tomlinson (o livro de curso, no inglês), percebemos que o livro didático tem a função de unificar em um só livro

diversos instrumentos e recursos para professores e alunos terem esse objeto como base do curso e das atividades feitas em sala de aula de língua (no caso de inglês como língua estrangeira). Destacamos que, para o ensino de línguas, especialmente para o de inglês, esse livro é chamado *coursebook*, isto é, livro-curso, e sua denominação está ligada ao que é expresso na definição de ser pensado para ser instrumento único e que provê o máximo de coisas para o curso de inglês. Isso pode se ligar à ideia de Britto (1998), apud Pinheiro (2010 p. 152), que destaca: “o livro didático é o mediador entre o saber social e a escola, funcionando como o articulador das práticas de ensino, estabelecendo currículos, procedimentos e conteúdos”.

Assim, o livro assume o papel de fonte, agente, suporte, curso, guia do processo de ensinar. Essas são representações de livros didáticos de inglês encontradas na pesquisa de Silva (2012), e parecem embutidas numa definição como a de Tomlison, mas vemos que o livro didático é mais que isso, e sua importância extrapola o meio escolar ou educacional. Há vários agentes envolvidos em sua produção (autor, editor, designer, trabalhadores de indústria gráfica e editorial), em sua comercialização (publicitários, representantes de editoras, comerciantes em livrarias), em sua avaliação (profissionais do meio acadêmico, coordenadores e diretores de escolas, professores), e no seu uso (professores e alunos). Assim, ele tem não só uma importância pedagógica, mas também econômica, por envolver muitas pessoas na sua produção, na comercialização; uma importância política, pois, por meio dele são passados valores de culturas e países politicamente dominantes, normalmente os produtores que se impõem e impõem às vezes a língua em outros contextos, e importância cultural, pois é promotor de culturas que vivenciam o uso de uma determinada língua, ao mesmo tempo faz parte de uma cultura escolar / educacional em diversos países (SILVA, 2012).

O livro didático é um tipo de material didático, o que também pode ser outros recursos ou objetos utilizados em sala de aula e que podem ser usados para complementar o que está no livro didático, ou para diversificar a aula, ou para suprir o que ali não se encontra. Tomlinson afirma que o material didático é:

[...] qualquer coisa usada para auxiliar o ensino de aprendizagens de língua. Materiais podem estar na forma de livros didáticos,

livros de atividades, uma fita, CD-ROM, vídeo, folhas fotocopiadas, um jornal, um parágrafo escrito no quadro: qualquer coisa que apresente ou informe sobre a língua sendo aprendida. (TOMLINSON, 2006, p. xi).

Sendo assim, diversos objetos, *realia*, textos, *flashcards*, cartas, cartões, livros paradidáticos, *websites*, materiais de áudio (CD, por exemplo), vídeos (DVD), jogos e muitos outros podem ser materiais didáticos. Como, por exemplo, em uma situação em que um professor quiser mostrar uma referência do que é a palavra “caneta”, e utilizar uma caneta real para demonstrar aos alunos o que é (RANGEL, 2005, p.25). Neste caso, ele faz da caneta um material didático para explicar concretamente o conceito.

Silva (2016) relativiza as diversas definições sobre livros didáticos de inglês e de livros didáticos em geral, pois elas enfatizam diferentes aspectos: produção (“projeto para ser” como diz Tomlison, ou que contém), uso (ser o que professores e alunos utilizam), edição (em forma de livro ou não, com outros materiais ou não). Para Silva (2016), definir o livro didático de inglês, referir-se a ele e ao seu uso são ações ligadas aos significados que os sujeitos envolvidos (autores, editores, professores, alunos) criam sobre esse material, significados estes que estão em relação de dependência com o contexto em que esses sujeitos se inserem. É com isso em mente que propomos a pesquisa aqui relatada, pois o que é percebido por professores atuantes em cursos particulares de idiomas pode ser diferente do que professores de outros contextos percebem. O contexto interfere nos significados criados.

Entendemos que o livro didático, aliado a uma miríade de materiais, pode formar um poderoso instrumento de ensino e de aprendizagem. Existe muita oferta de material didático, em vários suportes diferentes, disponíveis para serem usados pelo professor em sala de aula, seguindo diferentes abordagens e metodologias que têm ênfases distintas ao longo da história (CARVALHO, 2005; PAIVA, 2009). Essa grande disponibilidade de possíveis materiais, segundo afirma Carvalho, precisa ser considerada com certo cuidado para que:

a opção metodológica feita pelo professor seja a mesma dos materiais que ele pretende usar, além do livro didático. Fazendo isso, os materiais escolhidos pelo professor se

agruparão naturalmente, de maneira harmoniosa, em torno do livro-texto, formando uma 'constelação' de materiais. Esse agrupamento permite maximizar o aproveitamento do livro didático, aprofundando alguns pontos, complementando outros, introduzindo assuntos não tratados no livro didático e que o professor julga importantes. (CARVALHO, 2005, p. 45).

Autores, como Ramos (2009) e Dias (2009), por exemplo, têm defendido que as opções de materiais dos professores, sobretudo de livros didáticos, e sua abordagem dentro de sala de aula, estejam em consonância com o projeto pedagógico do curso ou escola em que eles trabalham.

Alguns autores consideram os pontos positivos e os negativos de se adotar um livro didático, discussão esta que não é recente na área de ensino de línguas. Por um lado, eles defendem que esse material é importante por prover o que ensinar e como ensinar de forma prática, estruturada, regularizada, eficiente, atraente, e variada. Por outro, orientam que a dependência de seu uso pode tornar as aulas de um professor monótonas, limitadas, não realistas, e repetitivas com reduzidas atividades cognitivas presentes no processo de ensinar e de aprender (DEL CAMPO e MIRANDA, 2016). A pesquisa de Lamberts (2012), realizada num curso livre de idiomas do Rio Grande do Sul, mostra que, naquele contexto específico, os professores em geral estavam satisfeitos com o livro didático adotado, usavam-no frequentemente, adaptavam atividades, e consideraram vantajoso o uso desse material de ensino. Nossa pesquisa, diferentemente, procura enfatizar os pontos considerados positivos e negativos pelos docentes de cursos livres de idiomas, já tomando por base que eles utilizam um livro didático. Acreditamos que, com isso, corroboramos ou não o que os autores têm dito a respeito das vantagens e das desvantagens de se usar tal material.

Pesquisas recentes têm mostrado que nem sempre o livro didático utilizado em contexto escolar, especialmente em escolas públicas, é o considerado ideal pelos professores. Teodoro (2018), por exemplo, detecta que professores da rede pública de Ouro Preto reconhecem a importância e a qualidade do livro didático fornecido pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), mas têm em mente outro tipo de livro didático para se ensinar, isto é, um livro com traços de metodologia mais estruturalista, o que eles entendem como o ideal para os cursos livres de idiomas.

A pesquisa de Repolês (2019), por sua vez, com docentes e discentes de Ensino Fundamental II de escolas públicas no interior de Minas Gerais, mostra que os professores demonstram pouca autonomia e pro-atividade para adaptar atividades, conteúdos, sequências e textos de livros didáticos, no decorrer do ano letivo. Os professores participantes dessa pesquisa também tentaram adaptações de caráter mais instrutivo que construtivista, de maneira a manter hierarquia e controle das ações dos alunos. Diferentemente, os alunos demonstraram interesse em usar mais efetivamente o livro didático que eles tinham em mãos (quando o tinham), reconhecendo-o como algo positivo para a aprendizagem, por propiciar diversidade de textos, facilidade na aprendizagem, e por ser atrativo.

Em cursos de idiomas, percebemos que não há autonomia de escolha de livros didáticos concedida aos professores. Em parte desses cursos, o livro didático utilizado é a própria materialização do método de ensino, que traz muitas vezes o nome da escola. Assim, o livro didático e todos os demais materiais são parte integrante do pacote do curso comprado pelos alunos. Em outros cursos, adotam-se livros didáticos comercializados pelas editoras, e muitas dessas publicações são internacionais, produzidas em países em que se fala a língua-alvo para um público amplo de qualquer nacionalidade, sem apelo a questões locais dos aprendizes. É nesse contexto que essa pesquisa acontece.

2 Metodologia

Para entendermos melhor o que os professores de inglês de cursos livres de idiomas pensam a respeito do livro didático dentro de sala, adotamos a pesquisa qualitativa, já que a situação em questão exige interpretação e compreensão de fenômenos específicos. Reconhecemos que “[...] ao se concentrar em um só fenômeno [...] o pesquisador visa descobrir a interação de fatores significativos que são característicos a ele.” (MERRIAM, 1998, p. 29). A análise a que nos propomos neste artigo procura não deslocar as respostas dos participantes dos seus contextos, uma vez que as situações são complexas, e influenciadas por diversos aspectos dos cenários em que se encontram.

Entendemos que essa pesquisa é descritiva, como apontado por Triviños

(1987). Assim, o ponto principal está no desejo de conhecer e entender a comunidade, suas características, as pessoas, sua educação, os problemas. No caso específico deste estudo, em que o objetivo principal é entender o que agrada e o que desagrade aos professores de língua inglesa no livro didático de inglês, é imprescindível conhecer melhor a realidade, gostos e formas de trabalhar dos professores. A grande motivação que rege essas indagações é compreender melhor os participantes da comunidade de professores de inglês de cursos livres e as relações destes com o livro didático.

A coleta de dados foi feita por meio de um questionário estruturado que traduziu os objetivos da pesquisa em questões específicas (GIL, 2008). Optamos por enviar os questionários por e-mail para que os participantes pudessem responder a eles com calma, em momento conveniente para eles. Todos os questionários enviados foram respondidos e reenviados para nós.

Dessa forma, as questões abertas proporcionaram, aos informantes, liberdade para se expressarem da maneira como preferissem. Seguem as perguntas constantes do questionário enviado:

- Há quantos anos você dá aulas de inglês?
- Você trabalha em escola regular, curso livre ou como autônomo?
- Para você, existe diferença entre material didático e livro didático? Se sim, qual? Se não, por que não?
- O que faz um livro didático ser bom?
- O que faz um livro didático ser ruim?
- Pense no “melhor” livro com o qual trabalhou / trabalha. Qual é? O que ele tinha ou tem como diferencial?
- Você utiliza muito material extra (além do livro didático) em aula? Quais? Quando e por que utiliza?
- Caso você escolhesse, quais livros usaria em suas aulas, quais os parâmetros para a sua escolha?
- Caso você trabalhe em uma escola que escolhe o material, qual sua opinião sobre essa imposição? O que você gostaria que fosse diferente nesse processo?

As pessoas que responderam aos questionários são conhecidas de um dos autores, e se prontificaram a participar respondendo ao questionário com boa vontade e interesse. Todos os participantes atuam ou já atuaram por muito tempo em cursos de idiomas, sendo que três deles estão cursando o mestrado no momento da pesquisa, três trabalham em um mesmo curso livre de idiomas de Belo Horizonte, uma participante trabalha em outro curso, e a outra já atuou, por muito

tempo, em cursos de idiomas e hoje é professora de curso superior.

Dos oito professores que responderam aos questionários, sete trabalham, atualmente, em cursos de idiomas há cinco anos ou mais e têm alunos particulares, e a única professora que hoje não trabalha em curso livre já trabalhou por muitos anos. Essa realidade na amostragem significa que todos esses professores possuem conhecimento extenso e aprofundado sobre materiais didáticos, provavelmente já utilizaram uma gama variada de títulos, por isso as respostas às questões possuem informações valiosas.

Os nomes dos participantes foram modificados para preservação da identidade deles. Todos trabalham ou já trabalharam em cursos livres diversos (não apenas em um como na pesquisa de Lamberts, 2012), e atualmente ainda são professores de inglês, em cursos livres, universidades, escolas regulares ou dão aulas particulares. A média de tempo de trabalho é de 10 anos e 6 meses, variando de 5 a 21 anos de atuação profissional. A seguir, apresentamos informações dos participantes no Quadro 1.

A discussão sobre os dizeres dos participantes foi feita com base na análise de conteúdo (BARDIN, 1977), explorando os dizeres e realçando as informações mais recorrentes e importantes, o que nos leva à interpretação e ao relacionamento dos dizeres com as ideias teóricas sobre livros e materiais didáticos.

Quadro 1- Informações sobre os participantes da pesquisa.

NOME FICTÍCIO E SITUAÇÃO DE TRABALHO
Alice leciona há 12 anos e meio, trabalha em dois cursos livres e tem alunos particulares.
Emília é professora há 5 anos e trabalha em um curso livre e como autônoma.
Sarah atualmente leciona na graduação em uma universidade, tem 18 anos de profissão e já trabalhou em cursos livres como professora e coordenadora.
Maria leciona há 7 anos, trabalha em uma escola particular, como professora do projeto bilíngue da escola na educação infantil, em um curso livre e como professora particular.
Paula é professora de inglês há 10 anos, em curso livre e como autônoma.
Letícia leciona há 6 anos, hoje está em dois cursos livres e tem alunos particulares.
Bruno trabalha como professor de inglês há 21 anos, mas parou em algumas épocas. Hoje trabalha em curso livre e os alunos particulares que tem são por meio do curso.
Luciana trabalha como professora há 6 anos, dá aulas em um curso livre e tem um aluno particular.

Fonte: elaboração dos autores.

3 O que as respostas revelam

3.1- Material Didático x Livro Didático

O Quadro 2 sintetiza as respostas dos participantes sobre essa distinção. Na confecção, foram utilizados os próprios dizeres dos docentes.

Quadro 2: Distinção material e livro didático pelos participantes

PROFESSOR	MATERIAL DIDÁTICO	LIVRO DIDÁTICO
ALICE	material didático inclui cd/dvd-rom, aplicativos ou sites que complementem as atividades do livro didático.	a ser complementado
EMÍLIA	o termo material é mais abrangente do que o termo livro, por isso, material para mim seria qualquer coisa usada com o objetivo de aprendizagem.	termo menos abrangente
SARAH	material didático como todo material utilizado em sala com objetivos didáticos. CD de áudio, DVDs, vídeos em geral, textos impressos são, portanto, materiais didáticos.	o livro didático é o livro ou manual adotado por uma instituição para ser o direcionador dos conteúdos da disciplina. Esses conteúdos serão ensinados, discutidos ou praticados por meio das atividades propostas em suas páginas
MARIA	o material didático é mais flexível e adaptável ao conteúdo.	o livro tem uma sequência a ser seguida e preferencialmente deve ser concluído em datas específicas.
PAULA	o material didático é tudo aquilo que podemos utilizar com fins pedagógicos em uma sala de aula.	O livro didático constitui um elemento impresso elaborado por algum autor em sintonia com dado projeto de ensino.
LETÍCIA	O material didático seria todo e qualquer artifício que auxilie e facilite o ensino da matéria (livros didáticos, livros literários, manuais, websites, portfólios de atividades e etc.).	Já o livro didático é um dos integrantes do material didático.
BRUNO	Material didático me parece algo mais amplo, com diversos recursos, e não apenas um livro-texto.	livro-texto
LUCIANA	O material pode incluir outros recursos, além de livros, especificamente.	o livro didático é apenas um dos itens que compõe o grupo material didático.

Fonte: Dados de pesquisa. Elaborado pelos autores.

Ao serem questionados se existe diferença entre material didático e livro didático, todos os professores afirmaram que sim. Algumas das justificativas foram que o termo “material didático” é mais amplo, abrangente, e que “livro didático” está

incluído no grupo de materiais. Alguns exemplos de materiais foram apresentados, por exemplo, DVDs, CD-ROMs, vídeos, textos impressos, CDs de áudio, ou seja, *“tudo aquilo que podemos utilizar com fins pedagógicos em uma sala de aula”*, segundo a professora Paula. Em geral, as respostas revelam uma visão semelhante às definições de Tomlinson (2006) apresentadas neste artigo, de que o material didático é algo mais abrangente, e o livro é um tipo de material, impresso, adotado para ser referência de uma instituição, que traz o conteúdo e a proposta de ensino.

Sarah, por exemplo, apresenta o viés institucional do livro, que é o escolhido por uma instituição para “ser o direcionador dos conteúdos da disciplina. Esses conteúdos serão ensinados, discutidos ou praticados por meio das atividades propostas em suas páginas”. Maria afirma que o material didático é mais flexível, adaptável, e o livro didático tem uma sequência, além de um cronograma a ser seguido, com datas específicas para ser finalizado, no contexto do curso livre. Sendo assim, o livro didático, que faz parte do conjunto maior “material didático”, é uma ferramenta institucionalizada para padronizar conteúdo, níveis e cronogramas dentro dos cursos livres, e, caso o professor deseje levar algo mais para dentro da sala de aula, deve utilizar outros recursos. As proposições de Maria corroboram a definição de Tomlinson apresentada anteriormente.

As respostas dos questionários permitiram-nos remetê-las às representações apresentadas por Silva (2012), de que o livro didático de inglês é, para professores, guia (direcionador, tem uma sequência) e fonte (direcionador dos conteúdos), é também agente do processo (conteúdos são ensinados por meio das atividades de suas páginas). Além disso, percebemos que o livro se diferencia de material didático por este ser mais flexível e possível de adaptação, como se o que é trazido pelo livro didático não pudesse ser modificado. O livro é visto pelos professores como elemento que institucionaliza ações de controle e padronização, típicas de cursos de idiomas, então ele serve ao controle — eis uma importância política do livro didático, como Silva (2016) aponta. Outros materiais diferentes de livros didáticos são algo extra, fora do cotidiano da sala de aula, pelo que parece. Assim, o livro assume o papel de curso, na medida em que determina gradação de conteúdo, nivelamento, cronograma, conteúdo e metodologia. Para os docentes da pesquisa, esse é um papel atribuído ao livro didático de inglês nos cursos livres de idiomas, e muitos não

se ressentem disso, como mostraremos adiante.

3.2- *Livros didáticos “bons” e “ruins”*

O uso feito dos livros didáticos está relacionado à forma como professor e alunos estão inseridos em um contexto. Existem subjetividades envolvidas na relação com o livro didático, e um livro considerado ruim para um professor, ou uma turma específica, pode ser considerado ótimo em outro cenário. Uma série ou coleção pode ter exercícios muito interessantes de gramática, mas ser incompleta no tocante a uma das habilidades na visão de um ou outro professor, mas não de todos. Há muitas variáveis e possibilidades de avaliação e de uso desses materiais. Falar sobre pontos positivos e negativos dos livros didáticos de inglês se relaciona e depende de como os usuários irão criar significados em torno do material, uma vez que os significados serão dependentes do contexto nos quais se inserem os usuários (SILVA, 2016).

Apesar dessas subjetividades, existem algumas características que foram apresentadas por mais de um professor nas respostas à questão “o que faz o livro didático ser bom?” Quase todos os professores mencionaram aspectos relacionados à adequação dos conteúdos do livro didático ao nível da turma em que ele é usado, que os bons livros apresentam assuntos significativos, atuais e relevantes, temas que se relacionam com a vivência dos usuários do livro. Também foram recorrentes, como pontos considerados positivos, o uso de imagens atraentes e relacionadas ao tema ou conteúdo, a variedade em geral (de temas, de atividades, imagens) o design e a organização do livro didático. Apenas uma professora disse gostar de padrões e isolamento (não integração) de atividades envolvendo gramática, vocabulário, diferentes habilidades. Essa professora (Luciana) justificou com a assertiva: “isso traz segurança aos alunos”.

Ao falar sobre a relevância de temas para a vivência dos alunos, Sarah exemplificou a dificuldade que teve em tratar sobre a bolsa de valores com um grupo de adolescentes. Por não se identificarem com o assunto, ou não o acharem importante e interessante, a aula se torna cansativa e difícil, para alunos e professores. Leffa (2007, p.16) afirma que “a capacidade de acionar o conhecimento prévio do aluno é uma condição necessária para o sucesso de um determinado

material”, ou seja, deduz-se que os livros bem-sucedidos utilizam o conhecimento prévio dos alunos, seja este linguístico ou de mundo, para criarem condições de ampliar esses conhecimentos e desenvolver o pensamento crítico desses alunos. O livro deve auxiliar os aprendizes, atendendo suas necessidades e preenchendo possíveis lacunas (LEFFA, 2017, p.17), não criando desafios intransponíveis. A partir da fala de Sarah (“Senti que os alunos foram torturados e eu também, já que tive que explicar para eles o funcionamento de uma bolsa de valores, sem que eles tivessem maturidade para entender o mercado financeiro!”), acreditamos que é importante completar o raciocínio de Leffa, incluindo nele que o livro pode e deve auxiliar também o professor.

Outro ponto recorrente foi que o bom livro deve trabalhar as quatro habilidades (fala, escrita, escuta e leitura), propondo atividades variadas, envolventes e práticas. Apenas Sarah usou o termo multimodalidade, mas outros professores falaram sobre questões multimodais em suas respostas, ressaltando a importância de imagens instigadoras, design atraente, infográficos, versão digital etc.. Como apontado por Paula, “livros carregados de informação verbal costumam desmotivar alunos de todas as faixas etárias” e, por isso, apenas a linguagem verbal não é capaz de produzir interpretações significativas para aulas interessantes e instigantes. A multimodalidade tem um grande papel social, como apresentado por Vieira (2015, p.43), e os professores parecem concordar com isso. Segundo este autor,

a composição textual multimodal tem alimentado as práticas sociais, cuja riqueza de modos de representação utilizados incluem desde imagens, até cores, movimento, som e escrita, haja vista a existência frequente de eventos híbridos de letramentos, constituídos por composições com linguagem verbal, com linguagem visual e com linguagem corporal, marcas preponderantes do discurso contemporâneo. (VIEIRA, 2015, p.43).

Um ponto interessante exposto por alguns dos professores é a questão do ensino crítico. Algumas das características apontadas sobre os livros didáticos e que caracterizariam ou permitiriam um ensino crítico são: ser atualizado, trabalhar com temas atuais e relevantes, estar relacionado com a vivência de quem utiliza, e não ser instrumento de ordem para o professor (consequentemente o professor não seria

subserviente).

Sobre o que desagrada professores nos livros didáticos, ou o que consideram ruim, podemos dizer que as características mais enfatizadas pela maioria dos participantes (6 em 8 = 75%) são relacionadas ao que desmotiva os estudantes. Os professores participantes elencaram: temas e tópicos pouco interessantes, ausência de foco nas necessidades dos alunos, propostas de discussão desinteressantes, atividades consideradas óbvias.

Existe uma tendência em muitos materiais a “menosprezarem” o professor ou o aluno, ao proporem exercícios mecânicos, apresentarem músicas, textos ou vídeos que não sejam interessantes aos alunos. Isso é também mencionado pelos docentes participantes como pontos que fazem um livro didático ser considerado ruim. Cook (2002) apud Tomlinson; Masuhara (2013) afirma que, por muitas vezes, materiais de ensino podem considerar o aluno como alguém imaturo, desamparado, dependente com baixa proficiência, e essa é a queixa de alguns professores a respeito de livros que julgam ser ruins.

Paula e Luciana foram categóricas nesse ponto, dizendo que livros que não dão espaço para o professor refletir, tomar decisões e se posicionar, e livros que desmerecem professores e alunos não são livros interessantes. Apesar disso, as duas falaram sobre o papel do professor como agente de mudança, que é sempre possível questionar, decidir e adequar o livro ao desejável. Luciana se posiciona dizendo que “o bom professor é capaz de adaptar e melhorar consideravelmente um livro ruim, se ele tiver tempo e disposição”.

Pham (2007) apud Tomlinson; Matsuhara (2013, p.34) afirma que “(...) professores devem avaliar criticamente os princípios por trás da metodologia importada e considerar as formas de implementá-la”. Isso significa que, muitas vezes, livros elaborados para públicos e contextos específicos são utilizados em outras situações, e, dessa forma, cabe ao professor questionar o que está sendo proposto e executar o que está sendo sugerido de forma a encaixar em sua realidade.

Algo interessante que ilustra bem o que foi dito no início deste item a respeito das subjetividades são as opiniões contrárias de Alice e Luciana. Alice afirma que não gosta de “livros repetitivos, com os mesmos tipos de exercícios sempre” e

Luciana diz preferir padrões, ou seja, gosta de “que as unidades do livro sigam uma sequência lógica, com os mesmos tipos de exercícios nas unidades, seguindo sempre os mesmos modelos. Isso traz segurança aos alunos.” Percebe-se, assim, como o que funciona para um professor, pode não funcionar para outro, e por isso a grande diversidade de coleções e livros, de editoras variadas, é algo bastante pertinente na visão dos professores.

3.3- Os melhores livros e seus diferenciais

Foi pedido aos participantes que citassem o melhor livro com o qual já trabalharam ou trabalham e dissessem o que esse livro tem de diferencial. O interessante nesse resultado foi verificar a diversificação de livros apresentados. Alguns deles fazem parte de séries, que podem ir de básico até avançado, e outros livros citados são bem direcionados a um público específico e restrito. Emília citou o *Expert*, da *Pearson*, que é um preparatório para o exame *Cambridge English: Proficiency*, Maria citou *Bebop*, um livro usado para crianças, Luciana disse que seu preferido é o *Complete First*, preparatório para o exame *Cambridge English: First*, e Bruno e Letícia mencionaram os livros produzidos pela *Cengage Learning* e *National Geographic*, que tem livros para vários níveis diferentes, mas prioriza materiais autênticos em seu conteúdo. Isso parece comprovar nossa ideia de que os significados criados sobre os livros didáticos adotados são dependentes do contexto de atuação dos professores.

Os livros preferidos pelos professores que responderam aos questionários apresentam, segundo eles, como características de um bom livro didático, a variedade de assuntos, atividades e recursos (chamados de periféricos por Sarah), uso de imagens (estáticas e em movimento, pois Bruno menciona vídeos), temas atuais e procedentes aos alunos. Também foi mencionada a presença de bons modelos e exemplos em um dos livros, um deles é considerado bom ou o melhor porque apresenta um *kit* completo, com livro digital de qualidade, e outro contém atividades interessantes de conversação.

Bruno e Letícia falaram sobre os livros que a *Cengage* produz em parceria com a *National Geographic*, e ambos comentaram a presença de textos e vídeos

autênticos nesses materiais. Materiais autênticos são aqueles que não foram produzidos especificamente para serem usados em sala de aula, com propósitos educativos, mas são utilizados para o contexto de ensino e de aprendizagem. Tomlinson (2006, p.viii) dá alguns exemplos de textos autênticos como um artigo de jornal, uma canção de rock, um romance, uma entrevista de rádio, e contos de fadas.

Alguns dos livros mencionados pelos participantes estão na figura 1.

Figura 1- Livros considerados melhores por professores participantes



Fonte: Capas retiradas do Google Imagens.

Por fim, os dados revelam que o melhor livro tem a ver com as experiências docentes, sejam experiências de ensino, sejam de aprendizagem. São elas que determinam ser um livro bom ou ruim, ou o melhor que já se usou. Os trechos transcritos abaixo mostram isso:

Acredito que o melhor tenha sido o livro preparatório para o teste de CPE, da editora Pearson. Utilizei este livro como estudante enquanto me preparava para uma prova em um curso livre de inglês. Achei o livro bastante completo e trazia muitos modelos e exemplos. (Emília)

Em um dado momento da minha carreira, me deparei com o New English File. Tive uma boa experiência com ele. Ignorava o manual do professor e ia adaptando as tarefas de acordo com as necessidades dos meus alunos (Paula).

3.4- O uso de outros materiais didáticos em sala

Dos oito professores entrevistados, sete afirmaram usar materiais extras, além do livro didático com certa frequência em suas aulas. Alice disse que não utiliza com tanta frequência, pois se sente mais amparada com o livro e se preocupa com o calendário. Apesar disso, afirmou usar o website *Kahoot*, de perguntas e respostas, com os alunos de vez em quando para sair da rotina.

Materiais suplementares costumam ser mais empregados no desenvolvimento de habilidades específicas, como escrita, fala, leitura e escuta, do que no ensino de itens de gramática e vocabulário. Também são bastante utilizados para diversificar atividades, trazer um elemento lúdico para a sala de aula, e estar em maior consonância com os alunos, já que os professores podem escolher materiais extras que tenham a ver com seus grupos específicos. Maria justificou o uso dos materiais extra, dizendo que muitas vezes o livro didático não aborda temas que interessam aos alunos.

Os professores desta pesquisa afirmam, em geral, que o uso que fazem de outros materiais além do livro didático por vezes é para complementar um tópico, ou para sanar problemas, quando os alunos apresentam dificuldades. As respostas demonstram que o uso desses outros materiais é feito mais para atender perfis específicos de alunos ou grupos, trazer algo mais moderno e atual para sala de aula, ou quando os alunos não aparentam estar motivados com a aula. Além disso, na fala dos professores, é perceptível que muitos recorrem aos materiais autênticos na hora de complementar o livro didático, já que é extremamente benéfico aos alunos terem contato com a língua em uso.

As respostas dos participantes mostram-nos que a utilização de materiais didáticos além do livro didático (*coursebook*) está ligada a quando se evidenciam os aspectos negativos mencionados por eles. Assim, *worksheets*, vídeos diversos, jogos (digitais ou não), exercícios diferentes com músicas, fotos pessoais e outras imagens são trazidos para a sala de aula, quando se percebe a necessidade de se complementar algo do livro didático, quando o uso está se tornando tedioso, ou ainda se percebe a necessidade de se aproximar da realidade do aluno. Os trechos a seguir são exemplos das afirmações feitas neste item:

Posso dizer que uso estes materiais extras de acordo com o assunto que está sendo abordado, o perfil da turma, e/ou após verificar no livro a necessidade de algum tipo de complementação. (Emília)

Quando eu quero fazer um projeto paralelo de algum tema que não tem no livro didático. (Maria)

Utilizo, normalmente para atender a características particulares dos alunos que o livro não poderia contemplar. (Paula)

Também escolho alguns materiais extras quando o livro didático não fornece atividades de consolidação suficiente. (Letícia)

Uso sempre que percebo que os alunos estão entediados. Ou então quando eu me sinto entediado nas aulas. (Bruno)

... quando percebo que os alunos estão com dificuldades. (Luciana)

O livro didático é, então, o curso a ser seguido, ou a concretização deste, o que traz e determina o que e como ensinar, e controla calendário (resposta de Alice mencionada anteriormente), de uso obrigatório. O uso de outros materiais é diversificado, não é a regra, nem obrigatório, mas pode ser um alívio na medida em que traz algo que precisa ser enfatizado devido a dificuldades, para tornar o ensino menos maçante, para motivar.

3.5- A imposição da escolha do livro didático de inglês nos cursos

Os docentes participantes da pesquisa admitem a necessidade de que os cursos tenham um material para ser usado em turmas de um mesmo nível, em horários, dias ou filiais diferentes. Sobre essa padronização, Alice, Luciana, Letícia e Bruno se mostram resignados. Alice disse que gosta que haja alguém responsável pela escolha dos livros usados, mas que às vezes existe uma incongruência entre os materiais escolhidos e a realidade da sala de aula. Os quatro professores (= 50%) acreditam que, quando os coordenadores que escolhem os livros fazem escolhas equivocadas, é principalmente porque estão fora das salas de aula há algum tempo, e por isso deveriam ouvir os professores em relação às escolhas. Luciana afirma ser frustrante o uso de livros que não sejam ideais por motivos burocráticos ou financeiros. Portanto, o fato de o livro didático ser imposto nesse contexto não é visto como ponto negativo em geral; mas, sim, o de ele não estar em consonância com o contexto, considerando a realidade dos alunos, suas necessidades, e a

atualização de temas e abordagens de ensino. Apesar disso, como foi exposto por Paula e por Emília, o material didático extra, além do livro didático, pode ficar a critério do professor, e, dessa forma, esse material sana as deficiências que o professor julga ter no livro que está sendo usado naquele contexto.

Embora a imposição da forma, como é feita no momento, pudesse desagradar alguns dos professores (sendo um ponto negativo), esses docentes parecem compreender que essa é a realidade dos cursos de idiomas, que há razões e motivações envolvidas. Isso faz com que as escolhas, que são feitas por coordenações e gerências, tenham que ser acatadas pelos profissionais. Alguns professores chegam a dizer que preferem ser controlados, como Alice, Letícia e Luciana. Mas, essa imposição, ao que parece, é compensada com a possibilidade de levarem outros materiais e poderem adaptar coisas do livro didático, o que os docentes veem como algo positivo.

Considerações finais

Este estudo pretendeu entender o que agrada e o que desagrada a professores de língua inglesa com relação ao livro didático de inglês utilizado em cursos livres de idiomas. Apesar de se reconhecerem as possíveis subjetividades nas opiniões e julgamentos dos professores que utilizam os livros didáticos, algumas características foram recorrentes nas falas dos professores, que tendem a preferir livros que tenham conteúdos adequados e procedentes aos alunos, que trabalhem bem as quatro habilidades na aprendizagem do inglês e o que costuma causar mais insatisfação são os exercícios e textos que tratam de assuntos não relevantes, que menosprezam alunos e professores.

Além disso, procuramos compreender se os professores de língua inglesa veem diferenças entre os conceitos de livro didático e material didático, e todos os professores questionados compartilham da opinião que material didático é um conceito amplo, e engloba o livro didático. Objetos, textos diversificados, áudios, vídeos, jogos, livros paradidáticos e outros recursos, criados, ou não, para o ensino e a aprendizagem de inglês, utilizados dentro do contexto de sala de aula, seriam os materiais didáticos. Essa compreensão ajuda a mostrar as importâncias e os papéis

do livro didático neste contexto, como controlador, curso, cuja utilização pode ser maçante ou não satisfazer todas as necessidades, fazendo com que professores recorram a outros materiais.

Por fim, procuramos investigar como os professores de cursos livres de inglês se sentem com a imposição de quais livros didáticos eles devem usar, seja pela coordenação, gerência ou diretoria do curso. Aparentemente, os professores entendem que essa imposição existe para gerar padronização, que não é necessariamente algo ruim. Porém, apresentaram grande insatisfação com o processo de escolha dos livros quando existe uma não conformidade com os livros escolhidos e a realidade da sala de aula.

Os resultados da investigação, ainda que esta seja pequena, mostram que, como o livro didático é peça tão fundamental na prática de professores e alunos de cursos livres, deveria haver maior inclusão desses sujeitos nos processos de escolha, ou até mesmo na produção dos livros didáticos de inglês.

Diante do exposto, podemos dizer, então, que o livro didático de inglês está longe de ser banido de cursos livres de idiomas, seja ele produzido ou não pelos estabelecimentos. Por ser reconhecido como um material de ensino dentro de um conjunto maior que engloba outros objetos usados para ensinar, o livro didático é visto por docentes como um material que pode conviver com outros materiais, ainda que seja o guia e ordenador do trabalho em sala de aula. Os docentes também parecem ver mais pontos positivos que negativos, visto que ele supre as necessidades da situação em termos de conteúdos, atividades, recursos para ensinar, isto é, desde que ele assuma o papel de fonte provedora, assim como de guia do processo de ensinar (SILVA, 2012). Além disso, os pontos negativos podem ser suplantados com a utilização de outros materiais, que, como o livro didático, são utilizados para ajudar o professor e o aluno, sendo, portanto facilitadores (SILVA, 2012; FICARELLI, 2008).

Notas

* Renato Caixeta da Silva é doutor em Letras – Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, mestre em Letras – Estudos Linguísticos pela UFMG, professor titular do CEFET-MG, onde atua desde 1997.

** Isabela Soares de Almeida Dias é mestre em Estudos de Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, especialista em Língua Inglesa pela Faculdade de Letras da UFMG, professora de inglês em cursos livres de idioma.

¹ *Glossary of basic terms for materials development in language teaching*, contido no livro *Materials Development in Language Teaching*. Ver referências.

² Do inglês: *A textbook which provides the core materials for a language-learning course. It aims to provide as much as possible in one book and is designed so that it could serve as the only book which the learners necessarily use during a course. Such a book usually includes work on grammar, vocabulary, pronunciation, functions and the skills of reading, writing, listening and speaking.* (tradução dos autores)

³ Do inglês: *Anything which is used to help language learners to learn. Materials can be in the form, for example, of a textbook, a workbook, a cassette, Glossary of basic terms xiv a CD-ROM, a video, a photocopied handout, a newspaper, a paragraph written on a white-board: anything which presents or informs about the language being learned.* (tradução dos autores)

Referências

ALMEIDA, E. G. Jogos virtuais no ensino de língua espanhola. **Texto Livre**, N. 2 vol. 1 outono de 2009.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/18>> Acesso em 12/06/2018

BATISTA, A. A. O conceito de livro didático. In.: Batista, A; Galvão, A. M. **Livros escolares de leitura no Brasil – elementos para uma história**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009, p. 41-58.

CARVALHO, J. B. P. Impressos e outros materiais didáticos em sala de aula. In.: BRASIL, MEC. **Materiais Didáticos: escolha e uso**. Brasília: MEC, Boletim 14, agosto de 2005, pp. 44-49.

Disponível em:

<<https://cdnbi.tvescola.org.br/contents/document/publicationsSeries/151007MateriaisDidaticos.pdf>> Acesso em 20/05/2018.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**. vol.30, n.3. São Paulo, SP: setembro a dezembro, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000300012>. Acesso em 30/04/2018.

CHOPPIN, A. O Manual escolar: Uma falsa evidência histórica. **História da Educação**. Trad. Maria Helena Bastos. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v.13, n. 27 p. 9-75, Jan/Abr. 2009.

Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/leh/files/2017/12/CHOPPIN-Alain.-O-manual.pdf>> Acesso em 30/04/2019.

DEL CAMPO, R. M.; MIRANDA, M. B. Uma visão teórico-prática sobre como os livros didáticos são usados na formação de professores de inglês. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 323- 345, set./dez. 2016. Título original: A theoretical-practical view over the way textbooks are used in the training of English teachers. Traduzido e revisado por Camila Paixão.

Disponível em:

<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723817352016323/pdf_141>. Acesso em 11/10/2019.

FISCARELLI, R.B.O. **Material Didático: discursos e saberes**. Araraquara - SP: Junqueira e Marins Editores, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

MERRIAM, S. B. **Case study research in education: A qualitative approach**. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

LEFFA, V. J. Como produzir materiais didáticos para o ensino de línguas. In LEFFA, V. **Produção de Materiais de Ensino: teoria e prática**. 2 ed. Pelotas, EDUCAT,2007.

Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/prod_mat.pdf.> Acesso em 13/03/2019.

PINHEIRO, M. P. Livro Didático de Língua Portuguesa: tecnologia a serviço de que. In.: RIBEIRO, A.E; COURA-SOBRINHO, J; VILLELA, A.M.N; SILVA. R.B. (ed) **Leitura e Escrita em Movimento**. São Paulo: Peirópolis, 2010, p.147-156.

RANGEL, E. O. 'Avaliar para melhor usar: avaliação e seleção de materiais e livros didáticos'. BRASIL, MEC. **Materiais Didáticos: escolha e uso**. Brasília, DF: MEC Boletim 14. 2005. p.25-34.

Disponível em:

<<https://cdnbi.tvescola.org.br/contents/document/publicationsSeries/151007MateriaisDidaticos.pdf>.> Acesso em 20/05/2018.

SILVA, R. C. Avaliação e seleção de livros / materiais didáticos para o ensino de línguas – relato de uma oficina. **Anais do II SILID / I SIMAR**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Edições Entrelugar. 2010.

Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/35152549/Textos-Selecionados-do-II-SILID-e-I-SIMAR>.> Acesso em 12/06/2018.

SILVA, R. C. **Representações do livro didático de inglês: análise dos discursos de produtores e usuários com base na Linguística Sistêmico-Funcional**. 332fl. Tese de Doutorado. Departamento de Letras / PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, R. C. **Livro Didático de Inglês: que livro é este?** Curitiba: Appris Editora, 2016

TOMLINSON, B. (ed.). **Materials Development in Language Teaching**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1998 (9ª reimpressão, 2006) – *Glossary*, p.viii-xiv

TOMLINSON, B; MASUHARA, H. Materials development for language learning: principles of cultural and critical awareness. In.: PEREIRA, A. L.; GOTTHEIM, L. (org.). **Materiais Didáticos para o Ensino de Língua Estrangeira – processos de criação e contextos de uso**. São Paulo: Mercado de Letras, 2013, pp. 29-52.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, J.; SILVESTRE, C. (org) **Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social**. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.

Recebido em: novembro de 2019.

Aprovado em: agosto de 2020.